



03

MAIO
2018

eLRs

Educação em Loures

Revista dirigida
à comunidade
educativa



Modelos de
Educação
do futuro



Su- mário

Conselho Editorial

Bernardino Soares

Presidente da Câmara Municipal de Loures

Maria Eugénia Coelho

Vereadora da Educação

António Wagner Diniz

Diretor do Projeto Orquestra Geração

Carlos Neto

Professor Catedrático da Faculdade de Motricidade Humana

Cristina Loureiro

Presidente da Escola Superior de Educação de Lisboa

Mário Nogueira

Secretário Geral da FENPROF

Pedro Calado

Alto-Comissário para as Migrações

Ficha Técnica

Diretor:

Bernardino Soares

Redação, revisão, fotografia,
design gráfico e paginação:

Divisão de Atendimento,
Informação e Comunicação

Impressão: LouresGráfica

Distribuição gratuita

Tiragem: 20 mil exemplares

Depósito legal: 414481/16

ISSN: 2183-8658

Periodicidade: Bianual

01
Consolidação
da Escola Pública
de qualidade

Bernardino Soares

03
Lei de Bases do
Sistema Educativo

Mário Nogueira

04
Casa Nouerca

06
A Dislexia...
a fragilidade na leitura

Rafael Silva Pereira

09
Nós e a Escola

Associação "O Saltarico"

10
*Bullying e
cyberbullying em
idade escolar*

Luís Fernandes

11
Modelos Educativos –
memórias e profecias

José Pacheco

13
Modelos de Educação
do Futuro debatidos
em Loures

14
Entrevista

Ariana Cosme

18
Apoios a projetos
socioeducativos

19
Educação Artística –
levar o mundo para
dentro da escola

Manuel Rocha

20
As três formas de
utilização da música
na construção da
cidadania

António Wagner Diniz

21
Orquestra Geração

DançArte

22
Pais informa

23
Conselho Municipal
de Educação de Loures

24
Intervenção Municipal
Integrada de
Promoção do Sucesso
Escolar

25
Mentes Sorridentes
– Quando a Escola
Respira

**Dulce Gonçalves, Mónica Pinto e Sérgio
Brandão**

27
Academia dos Saberes

29
Envelhecimento
ativo e educação

Pedro Ferreira

30
A escola e a educação
para a saúde

Isabel Loureiro

31
Educação e imigração

32
Polo de Loures
da Escola de Música
do Conservatório
Nacional

33
*Network for Role
Models*

34
Robot Ajuda!

Loures na Futurália

35
Centro de Ciência Viva
de Constância

Máximo Ferreira

36
Carta Educativa
de Loures



CONSOLIDAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA DE QUALIDADE

Bernardino Soares

Presidente da Câmara Municipal de Loures

A Educação é um processo dinâmico e que exige de todos uma permanente reflexão sobre o seu futuro.

Tal reflexão convida toda a comunidade, e com especial relevo a educativa, ao conhecimento de estudos e práticas diferentes da relação pedagógica, da organização das escolas, dos usos dos currículos.

Em Loures, este debate e reflexão têm vindo a ser realizados pelas escolas, IPSS, associações de pais e também pelos serviços da Câmara, em que destaco o Seminário Nacional *Modelos de Educação do Futuro*.

O presente número da Revista eLRS, com um conjunto de artigos, com visões diversificadas dos mais variados temas, contribuí para a construção de modelos de educação que se aproximem cada vez mais das crianças e dos jovens deste tempo.

Convido a boas leituras e à participação de cada um de nós neste desafio da consolidação da Escola Pública de qualidade.





Lei de Bases do Sistema Educativo

Mário Nogueira

Secretário-Geral da FENPROF

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), em 2018, completa 32 anos. A tal longevidade não é alheio o amplo consenso social e político que levou à sua aprovação, mas, também, a matriz democrática que mantém, continuando a dar resposta às principais exigências do sistema e da sociedade.

A LBSE mereceu alterações em 1997, 2005 e 2009, sempre no sentido de reforçar a sua matriz, sendo rejeitadas as tentativas de a perverter, a primeira em 2004 e outra, mais recente, em 2016, ambas por iniciativa da direita política. A LBSE tem um objetivo democratizador, razão por que assume a Constituição da República como referência, consagrando como especial responsabilidade do Estado a “democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares” (artigo 2º, nº 2).

A revisão da LBSE não é tabu. Contudo, a eventual aprovação de um novo texto com as bases orientadoras do sistema educativo deverá ser antecedida de uma avaliação séria e profunda das potencialidades da que ainda vigora, dos seus constrangimentos e da necessidade de adaptação a novas realidades decorrentes de exigências e desafios que o tempo que vivemos e o desenvolvimento humano colocam quase diariamente. Como tal, uma alteração, a acontecer, deverá resultar de um prévio e alargado debate que permita construir uma base sólida de consenso no plano social, a respeitar no político. Uma eventual nova LBSE não deverá romper com a atual, mas assumir o seu desenvolvimento, respeitando princípios, tais como: o reconhecimento da Escola Pública como eixo de uma efetiva democratização; a gestão democrática das escolas como alternativa à atual lógica gerencialista e tecnocrática, que impera; a efetiva inclusão escolar como determinante para a igualdade de oportunidades; a garantia de acesso gratuito a todos os níveis, incluindo aos mais elevados, do sistema educativo, a par de uma ação social escolar capaz de discriminar positivamente; a valorização dos profissionais da Educação, inscrevendo-a como eixo central da qualidade de todo o sistema educativo. Se assim for, a Lei de Bases do Sistema Educativo continuará a respeitar a Constituição da República Portuguesa e a ser o suporte legal da Escola Democrática.

O catálogo das escolas

Se a lista ordenada de escolas, de acordo com a classificação média dos alunos em exames, tivesse alguma validade, era caso para, também em Loures, haver preocupação.

O problema é que estas listas comparam o incomparável, não permitindo retirar qualquer ilação verdadeiramente importante. Comparar os resultados, em exame, dos alunos da Secundária de Camarate ou do Agrupamento de São João da Talha com os dos alunos do colégio Valsassina ou do Nossa Senhora do Rosário é ainda pior que a comparação de alhos com bugalhos.

É claro que estes catálogos de escolas são úteis: para os colégios, que aproveitam para se autopromoverem, ainda que de forma pouco séria; para os jornais, que vendem muita publicidade a incluir no suplemento sobre o *ranking*; para os adversários da Escola Pública, que não perdem uma oportunidade para denegrir o excelente trabalho que nelas se desenvolve.

Todos sabem, desde logo os docentes, que, em cada escola, é sempre possível melhorar, mesmo quando se faz bem, mas esse é o desafio a que, em cada ano, se procura responder. Expor publicamente as dificuldades escolares dos alunos, ignorando o tremendo sucesso educativo e social de muitos deles, e, a partir de uma absurda catalogação, criar estigmas sobre as escolas, é errado, injusto, mas deliberado.

E não escapam de responsabilidades os que, mesmo afirmando não ser adeptos, estão na origem do problema.

Casa Noverca

Apoio a crianças do ensino especial

A Escola Maria Veleda, em Santo António dos Cavaleiros, inaugurou a Casa Noverca – Unidade de Apoio a Alunos com Multideficiência (UAAM) e contou com a visita do Presidente da República.

Poucos dias depois de abrir portas, a Casa Noverca, recebeu a visita de Marcelo Rebelo de Sousa: “Vim aqui para homenagear uma escola como um todo, mas em particular o arranque de um projeto, um novo espaço para crianças do ensino especial.”

A Casa Noverca (palavra de origem latina que significa “mãe”), composta por sala multissensorial, sala de trabalho, sala de atividades, cozinha e casa de banho, tem agora condições para os diferentes casos de deficiência e necessidades educativas especiais de alunos do 2º e 3º ciclos, do Agrupamento de Escolas José Afonso, ao qual pertence a Maria Veleda, mas também de outros agrupamentos do concelho.

Escolas mais inclusivas

“Após cinco anos de construção de um sonho, eis que está quase tornado realidade”, referiu a diretora do Agrupamento de Escolas José Afonso, Irene Louro. “Foi necessário meter mãos à obra e, a partir de uma sala que era demasiado pequena e sem condições, criar um espaço mais bonito, confortável e adequado, só possível devido ao apoio de muitas instituições, entre elas a Câmara Municipal de Loures, que atribuiu mais de 10 mil euros para a construção e apetrechamento do edifício”, recordou a diretora. O presidente da Autarquia, Bernardino Soares, lembrou que “é preciso investir e dar condições a todos os que têm necessidades especiais, de modo a que possam também frequentar a escola pública e ter acesso a um melhor apoio, aprendizagem e socialização”, acrescentando que o Município vai “continuar a trabalhar para que as escolas sejam cada vez mais inclusivas”.



▲ **Novas instalações para alunos com multideficiência**





A Dislexia... a fragilidade na leitura

Rafael Silva Pereira

Especialista em dislexia e dificuldades de aprendizagem

Existem muitas famílias que, neste momento, questionam o motivo pelo qual os seus filhos não estão a conseguir aprender a ler ao mesmo ritmo dos seus colegas. Muitas vezes pode ser isso mesmo... uma questão de ritmo que deve ser respeitado. Outras vezes, e não tão raras quanto isso, algo pode estar a interferir com esta capacidade. Os pais ou professores costumam referir que estes alunos têm uma maior dificuldade em decifrar o código escrito. Que têm uma maior lentidão no momento em que estão a ler e que na maioria das vezes não compreendem o que leem. Uma das causas para tal estar a acontecer pode ser uma Perturbação Específica da Leitura – Dislexia. Contudo, importa perceber se realmente falamos de uma Dificuldade Específica ou se algo mais está a interferir nesta competência de leitura que deveria já estar adquirida.

Definição

Se tivéssemos de forma breve que definir o que é a Dislexia, ou agora designada de Perturbação Específica de Leitura e Escrita, poderíamos afirmar que se trata de uma incapacidade para a leitura. Muitas crianças, apesar de tudo se orientar para uma aprendizagem adequada, não conseguem decifrar as letras e chegar à leitura de maneira automatizada.

De acordo com a definição da Associação Internacional de Dislexia, é sobretudo uma disfunção de origem neurobiológica que interfere na leitura e escrita no âmbito da decifração do código escrito e da velocidade. São alunos cuja consciência do som é mais deficitária, existindo uma séria dificuldade na transposição do grafema para o fonema.

Importa também esclarecer que a dislexia não é uma doença. Falamos de doenças quando falamos de tratamentos com medicação. Não é o caso da Dislexia. Não existe um medicamento nem “tratamento” com fármacos e por isso não se fala em doença, em cura, mas sim em Perturbação de Aprendizagem Específica no âmbito da leitura. Devemos ter sempre presente que a leitura, tal como a escrita, envolve um processo cognitivo (de nível

superior e de nível inferior). Um bom leitor é aquele que descodifica o código escrito, mas que para além disso compreende o que lê, estabelecendo desta forma o processo completo que é a leitura. Só neste caso falamos de leitura, pois habitualmente acha-se que ler é simplesmente descodificar, e não é. Esse é apenas o processo automatizado da mesma. Uma criança precisa de descodificar, mas depois precisa de compreender o que lê. No caso do disléxico, o seu cérebro está muito mais preocupado com a decifração (por ser algo difícil), o que afeta a conseqüente manipulação e compreensão do que se lê.

Já no que respeita à escrita, esta é um processo que só se dá em pleno com a codificação gráfica da informação e com a capacidade de manipulação, alteração de um texto. Ambos os processos ocorrem de forma diferenciada no cérebro do sujeito que aprende.

Assim, a dislexia pode inevitavelmente trazer dificuldades na escrita, no âmbito da transcrição gráfica dos sons da fala. Os erros ortográficos são comuns e advêm, neste caso, da dislexia.

Mitos

Um dos grandes mitos é, sem dúvida, a questão da medicação para a Dislexia. Volto a reforçar que não existe nenhuma medicação para a Dislexia. A medicação existente, e que resulta nestes casos, é quando os alunos têm Déficit de Atenção com interferência na Leitura e Escrita. Neste caso, a dificuldade surge como conseqüência da sua reduzida atenção que, ao serem medicados para tal, acaba por interferir na aprendizagem. A existência de mitos tem também a ver com o facto de que, felizmente, hoje em dia, temos o acesso a muita informação. Contudo, este acesso pode ter um efeito perverso pois a não seleção de tudo o que se lê leva, por vezes, a estas questões. Verificamos verdadeiras listas de “sintomas”, como se diagnosticar Dislexia fosse um processo fácil. Esta banalização é perigosa. Precisamos todos de ter em conta que muitas vezes as dificuldades surgem dos métodos de alfabetização desadequados, entre outros fatores que não deveriam transformar a má aquisição de leitura e escrita num diagnóstico de Dislexia.

Diagnóstico

O diagnóstico deve ser feito de forma multidisciplinar.

O diagnóstico multidisciplinar implica a presença de um conjunto de profissionais que chegue a conclusões por exclusão. Se tal deve ser feito por exclusão, eliminando as mais diversas áreas que podem interferir na leitura e escrita, então é exigível que a avaliação não seja unidisciplinar.

Sinais (... e não sintomas)

No que diz respeito aos sinais que podemos encontrar, eles podem fazer-se notar desde a idade pré-escolar, mas isso não significa que as crianças tenham no futuro um diagnóstico de Dislexia. É preciso agir com cautela e termos a noção de que podemos estar perante um caso de falta de estimulação de competências

iniciais para a leitura e escrita. O que encontramos na idade Pré-escolar pode, muitas vezes, confundir-se com o que mais tarde se vem a perceber como falta de estimulação. Por isso, o diagnóstico deve ser algo sério, real e não avaliar somente a velocidade de leitura ou a consciência fonológica.

No Pré-escolar podem surgir sinais (que podem mais tarde interferir com a leitura e escrita e revelarem-se uma Dislexia ou serem a tal ausência de estímulo) como:

- Iniciou a fala muito tarde;
- A construção de frases iniciou tarde, mostrando um ligeiro atraso no desenvolvimento da linguagem;
- Dificuldade em pronunciar determinados fonemas/sons;
- Dificuldade em memorizar lengalengas e dizer/cantar as mesmas;
- Dificuldade em tarefas que envolvam a consciência do som, como rimas, segmentação silábica,...;
- Dificuldade no esquema corporal, maturidade perceptiva auditiva e visual, lateralidade, motricidade fina, no fundo, dificuldade em aspetos psicomotores.

Mas atenção, podem ser apenas sinais que não são reveladores de Dislexia, mas sim de ausência de estímulo nessas áreas concretas. É esta diferença que a avaliação correta vai permitir identificar.

A genética

Existem estudos científicos que revelam a existência de uma forte possibilidade hereditária na capacidade ou incapacidade de leitura. Estudos da designada genética comportamental, organizados por DeFries, confirmaram desde os anos 1950 a forte possibilidade da hereditariedade das competências de leitura. É até neste sentido que Dehaene (2012) afirma que a leitura na sua plenitude, depende “de uma feliz combinação de conexões que temos a chance de possuir, desde o início do aparecimento da espécie”. A este respeito, e tendo por base o mesmo autor, importa realçar que foram vários os estudos que permitiram perceber e identificar regiões do genoma humano, nomeadamente nos cromossomas 1, 2, 3, 6, 16 e 18, cujas variantes são associadas à Dislexia. Assim, com o exponencial aumento de pesquisas que seguem esta linha de investigação (a genética), também se verificou que vários genes fossem já, até então, implicados na Dislexia. De facto, são vários os genes apontados, o que nos leva a inferir que vários poderão estar implicados nas dificuldades de leitura e escrita por estes processos serem tão complexos e envolverem operações complicadas do posicionamento dos neurónios. Portanto, a migração neuronal eficaz gera leitores eficazes; migração esta para a região temporal esquerda. Neste sentido, destacamos o facto de que muito há ainda por descobrir neste campo e que a investigação genética está permanentemente em curso, alcançando novas descobertas. Em relação à parte emocional e do ambiente que envolve o aluno e à influência que ambas podem ter devemos reter que, o sujeito que aprende é também, indiscutivelmente e invariavelmente, um

sujeito emocional. É por isso que num processo de avaliação, que se requer multidisciplinar, a aferição da componente emocional do aluno, a par da cognitiva, é de extrema importância. Emoções positivas facilitam a aprendizagem, contrariamente às emoções negativas. Isto porque a emoção tem uma interferência direta na retenção da informação.

No entanto, não são os fatores emocionais ou ambientais que desencadeiam a Dislexia. Estes fatores podem levar às dificuldades de aprendizagem que não são permanentes, ou seja, que após intervenção ao nível emocional e ambiental, são ultrapassadas. O que a parte emocional e ambiental podem trazer é uma maior dificuldade na aquisição da aprendizagem da leitura, escrita e cálculo com características muito semelhantes às DIS, mas que por serem “causas” temporárias não nos permitem diagnosticar neste sentido. Voltemos ao início da definição de Dislexia – transtorno de origem neurobiológico, que leva a uma disfunção nas suas competências, em relação à leitura, de carácter permanente.

A família

Em primeiro lugar deve procurar que seja feita uma avaliação multidisciplinar e de forma adequada. A aceitação de que os filhos têm um problema é sempre muito difícil. Mas será o primeiro passo para que o processo de ajuda decorra com sucesso.

Outro aspeto muito importante é que a escola seja vista como um parceiro e não como o local que identificou as dificuldades e quer colocar o filho como problemático. O diálogo, o trabalho estreito e direcionado para o aluno é o fundamental.

Infelizmente, encontramos escolas que ainda não cumprem a legislação que os países já criaram por perceberem, face às evidências científicas, que a Dislexia não é uma moda ou uma invenção. Neste caso, os pais devem exigir o cumprimento da lei. Em termos pedagógicos, apesar da boa intenção e objetivo dos pais, estes alunos não devem ser massacrados com exercícios de repetição, de cópias exaustivas para “treinar” a caligrafia, a leitura exaustiva para “lerem mais rápido”. Esta não é a ajuda que estes alunos precisam. O caminho é o da compreensão, mas sem justificarem tudo ou deixarem que os seus filhos justifiquem todos os erros por serem disléxicos. Os alunos com Dislexia não têm comprometimento intelectual. Por isso, são capazes de chegar onde todos chegam, mas ao seu ritmo e com orientações mais objetivas.

Referências

- Dehaene, S., (2012), *Os neurónios da leitura*, Porto Alegre: Penso.
Pereira, R., (2013), *LER- Leitura, Escrita e Reeducação*, Rio de Janeiro: Wak





Nós e a Escola

Associação "O Saltarico"

No mundo atual, onde o tempo adquire uma velocidade estonteante, onde as mudanças, a instabilidade económica e social são uma constante, os agentes educativos devem estar despertos e empenhados na tarefa de educar as crianças, promovendo a criação de contextos, espaços e tempo propícios ao desenvolvimento das suas capacidades e competências, nunca esquecendo o contexto social e a comunidade onde cada um se encontra inserido.

A realidade das respostas educativas deve estar cada vez mais atenta e disponível para os novos desafios da infância e juventude: A Comunidade Educativa de Loures é muito dinâmica, com grande envolvimento de todos os parceiros, o que minimiza todas as dificuldades e constrangimentos atuais que ensombream a Educação.

Exemplo desse envolvimento ativo é a parceria da Autarquia com diversas IPSS do concelho no Prolongamento de Horário do Pré-Escolar da Rede Pública.

A Associação "O Saltarico" tem o privilégio de beneficiar desta parceria em duas escolas do Agrupamento José Afonso, a EB1/JI da Flamengo e a EB1/JI Fernando Bulhões, ambas situadas na União das Freguesias de Santo António dos Cavaleiros e Frielas.

A experiência é muito positiva e promotora de um trabalho muito próximo entre escolas e seus parceiros, procurando sempre ter uma perspetiva integrada e de colaboração, de forma a criar espaços de aprendizagem motivadores e acolhedores para todas as crianças.

Esta opção de parceria tem-se revelado muito produtiva e de grande importância para a Instituição. Para além de ser oportunidade de alargamento das respostas sociais, é também uma forma de promover a proximidade entre os diversos agentes educativos locais.

O Agrupamento de Escolas José Afonso e as Escolas EB1/JI da Flamengo e EB1/JI Fernando Bulhões são parceiros com grande envolvimento e dinâmica, situação que facilita todo o trabalho a desenvolver. A dinâmica conseguida contribui para a construção de uma identidade e objetivos comuns, que são colocados ao serviço das crianças e famílias.

Nesta perspetiva, a planificação das atividades anuais e a definição dos seus objetivos é sempre uma tarefa

desafiadora, sendo fundamental o envolvimento de toda a Comunidade Educativa. Esta tarefa é realizada em articulação estreita e direta com as escolas referidas, procurando ir ao encontro dos Planos Anuais do Agrupamento e seus objetivos.

Neste trabalho pretende-se desenvolver a necessidade de descoberta, interesses, aptidões, espírito crítico, criatividade, o sentido moral e a sensibilidade estética, valorizando especialmente o tempo e o prazer de brincar.

Como resultado desta visão e, em parceria com o Agrupamento José Afonso e a Autarquia, propomo-nos dinamizar espaços ativos e de diversão, onde se promova, em conjunto com as crianças, a ocupação saudável dos tempos livres que também integram o processo educativo e formativo de cada um.

O desenvolvimento das atividades lúdicas e recreativas procura um ambiente estável e seguro, proporcionando o desenvolvimento global, em colaboração e articulação permanente com a escola onde nos encontramos integrados, com as famílias e comunidade.

As atividades de expressão, experimentação e descoberta são pilares sobre os quais as aprendizagens presentes, futuras e a personalidade das crianças se vão edificar.

O saber ser e o saber fazer são hoje reconhecidos como fundamentais na valorização das capacidades de comunicação, de expressão, de conhecimento emocional e relacional tão importantes em todas as profissões e desempenhos da vida adulta. A Associação "O Saltarico" entende que é na animação e na ocupação saudável dos tempos livres que se deve propiciar o ato educativo por excelência, sem uma imposição pragmática rígida, pode-se criar um espaço adequado ao desenvolvimento das potencialidades, de forma a que se adquira conhecimentos e se possa interpretar o meio que nos rodeia.

É nesta perspetiva que a instituição entende as diversas parcerias que realiza. Só com o envolvimento real de toda a Comunidade Educativa conseguiremos formar adultos responsáveis e ativos, onde a Educação seja a verdadeira "arma" para combater as desigualdades e promover a verdadeira cidadania.



Bullying e cyberbullying em idade escolar

Luis Fernandes

Psicólogo da Associação Sementes de Vida - Beja

Todos sabemos que a maioria das crianças e jovens gosta da escola, ou melhor, dos intervalos. Infelizmente, estes podem ser momentos de enorme *stress*, ansiedade ou mesmo medo. Nos tempos atuais, falar em contexto escolar para os comportamentos de *bullying* é algo redutor, já que cada vez estes existem noutros contextos da vida das nossas crianças e jovens, basta pensarmos nas novas tecnologias e na banalização das redes sociais. Cada vez mais o instrumento das agressões está, literalmente, no bolso dos mais jovens na sua versão mais recente, o *cyberbullying*.

Por *bullying* deverá ser entendido um conjunto de ações de carácter agressivo, a nível verbal, físico, psicológico, sexual ou através das novas tecnologias, realizadas entre pares, de modo repetido e intencional e onde existe um desequilíbrio de poder entre vítima e agressor.

No que respeita à intervenção nesta área, temos de assumir que é essencial trabalhar com vítimas, agressores e observadores. As vítimas precisam do nosso apoio para que deixem de o ser, os agressores necessitam de alterar os seus comportamentos, descobrindo formas mais positivas e assertivas de relação com os outros e, os observadores, que são fundamentais para a prevenção do *bullying* já que têm um “poder enorme” de não deixar que uma determinada ação agressiva possa vir a tornar-se recorrente e altamente lesiva para um colega.

Muitas vezes me perguntam o que é que os pais devem fazer quando um filho lhes conta que anda a ser alvo de *bullying*. Eu costumo dizer que o mais importante deverá ser, olhá-lo nos olhos, dar-lhe um abraço e tranquilizá-lo, afirmando que

tudo irão fazer para o ajudar a ultrapassar essa situação, reafirmando a grande coragem que a criança ou jovem teve para denunciar as agressões de que vinha a ser alvo. A prevenção e combate a todas as formas de violência, sejam estas mais visíveis ou mais camufladas, é uma missão de todos, como tal, hoje é um excelente dia para nos unirmos nesta causa.

Por todos estes motivos, é nossa obrigação como professores, técnicos, funcionários, famílias, alunos ou simplesmente como cidadãos, contribuir de forma proactiva para este combate e prevenção, denunciando e dando voz a todos aqueles que tantas e tantas vezes não conseguem pedir ajuda, passando a vida a “gritar para dentro”.

A maior “arma” do agressor é o silêncio em que consegue manter as suas vítimas! Denunciar... é essencial!





Modelos Educativos – memórias e profecias

José Pacheco

Professor e pedagogo, fundador da Escola da Ponte

Nos idos anos de 1970, através de uma prática radicada no personalismo de Mounier, no ensino individualizado de Dottrens e nos dispositivos pedagógicos legados por Freinet (classe cooperativa, correspondência escolar, imprensa escolar, assembleia, ficheiros autocorretivos...), deixamos para trás o modelo instrucionista da Revolução Industrial. Mas, após abandonar o modelo de ensino, com centro na pessoa do professor, ainda era elevada a taxa de insucesso dos alunos. Ainda na transição entre o paradigma instrucionista e o paradigma da aprendizagem, introduzimos ecléticas práticas herdadas de Cousinet, Decroly, Ferrière, Dewey, Kilpatrick, Montessori, Steiner... Recorremos às taxonomias de Bloom, à pedagogia por objetivos, à metodologia de trabalho de projeto, a tudo o que, supostamente, pudesse garantir a todos o direito à Educação. E, em meados da década de 1980, abdicámos, em definitivo, do modelo escolanovista, centrado no aluno. A saga pedagógica desembocou na utilização de computadores, já no início da década seguinte. Através da introdução das novas tecnologias, intensificávamos a pesquisa, sem desumanizar o ato de aprender. Porém, ainda havia necessidade de reprovar... Alterámos o modelo de gestão, não educando para a cidadania, mas no exercício da cidadania. Criamos uma equipa de educação especial, na intenção de assegurar uma efetiva educação inclusiva. Dispensamos inúteis provas e optámos por uma avaliação formativa, continua e sistemática, com recurso à elaboração de portefólios. Abrimos caminhos para uma educação integral, aquela que contempla o domínio intelectual, mas também o afetivo, o emocional, o ético, o estético... Mas, ainda havia alunos que não aprendiam. Tomámos consciência de que não havia dificuldades de aprendizagem, mas dificuldades de ensino. Chegara o tempo da aplicação da psicologia na escola. Universitários recuperavam um Vigotsky requentado e um Piaget readaptado, para chegar a um Bruner dos princípios gerais da aprendizagem. Por outro lado, a "Carta de Barcelona", o Manifesto da Transdisciplinaridade e os trabalhos de Bordieu, Freire e Giroux, levaram-nos a operar nova rutura

paradigmática, a erradicar processos subtis de reprodução escolar e social.

Durante mais de quarenta anos, perseguimos aquilo que parecia ser uma quimera: que todos os jovens aprendessem e fossem felizes. Com intuição pedagógica, amor pela infância e o quanto baste de uma ciência prudente, à custa de muitos erros e fracassos, lançámos os fundamentos de uma nova construção social de educação. A essa nova construção social demos o nome de comunidade, o lugar de uma aprendizagem centrada na relação.

Na condição de diretor de escola e autarca, tentei modificar o velho modelo educacional pela via de uma gestão democrática. No final da década de 1970, o projeto de "participação educativa" não levou a comunidade para a escola, nem a escola para a comunidade, apenas integrou a escola na comunidade. Mas, decorreriam mais de vinte anos até que a comunidade assumisse a direção da escola. E, somente em 2004, a autonomia da escola foi reconhecida através de contrato celebrado com o Ministério da Educação.

Nos primórdios do século XXI, rumei ao Brasil. Rubem Alves publicara o livro *A escola com que sempre sonhei*, coletânea de crônicas, impressões da sua visita à Escola da Ponte. E, para além de satisfazer a curiosidade dos professores brasileiros e o interesse manifestado pela academia, pelo exotismo do nosso projeto, introduzi a espantosa obra do Agostinho da Silva em terras do Sul. Esse saudoso Mestre foi ícone de passagem para caminhos de transição para um terceiro paradigma: o da comunicação.

Em 2018, começo a escrever uma nova página deste diário abreviado. Escrevo-a em Brasília, onde a génese de uma nova educação acontece, cumprindo a profecia do Mestre Agostinho. Um artigo publicado, ainda no tempo em que foi professor da Universidade de Brasília, reza assim: *Portugal desembarcou na África, na Ásia e na América; só falta a Portugal desembarcar em... Portugal.*

Asseguro-vos que não tarda o desembarque, no hemisfério Norte, de uma nova educação, que está a ser gerida no Sul.



Seminário nacional

Modelos de Educação do Futuro debatidos em Loures

Modelos de Educação do Futuro foi o tema do seminário nacional, realizado no dia 19 de abril, em Loures, que contou com a presença de cerca de três centenas de participantes de todo o país.

Refletir sobre modelos de educação, analisar experiências inovadoras na escola pública e debater os principais desafios para a próxima década foram os principais objetivos do seminário que juntou, no auditório da Escola Secundária Dr. António Carvalho de Figueiredo, dezenas de personalidades do panorama nacional da área da educação.

“Tem sido muito bom trabalhar com Loures. Há projetos muito interessantes em desenvolvimento neste Município, sem pôr em causa aquilo que é a autonomia pedagógica de cada uma das escolas”, começou por dizer o secretário de Estado da Educação, na abertura do encontro.

“Quando falamos de educação para um futuro que se quer presente, temos de pensar todos juntos e não insistir no modelo do passa-culpas”, referiu João Costa. “Os pais culpam os professores, o Ministério culpa os municípios, e vice-versa e, enquanto, nós adultos andamos a passar culpas, há um conjunto muito significativo de alunos que se está a afundar porque nos esquecemos de olhar para eles”, alertou o secretário de Estado.

“A conquista da escola democrática ainda não está terminada. Há um problema de justiça social no nosso sistema educativo, em que a pobreza ainda é o principal preditor de insucesso”, disse. “Por isso é que este debate é urgente. É preciso discutir modelos de educação para conseguir chegar àqueles que, sistematicamente, ficam de fora. Não tenemos

medo de experimentar práticas diferentes em sala de aula. Se não ousarmos, tudo ficará na mesma”, concluiu.

Novas abordagens e soluções

Também o presidente da Câmara de Loures esteve presente na abertura do seminário, cujo tema considerou “apropriado e atual”, até porque o “debate político sobre educação está excessivamente centrado nas infraestruturas, deixando todo o resto, muitas vezes, submerso”.

“Temos a necessidade de proporcionar, nas nossas escolas, abordagens diferenciadas e novas experiências com os alunos. Queremos uma escola para todos, completa”, afirmou. “Discutir diferentes modelos é muito importante para encontrarmos novas soluções e uma escola mais adequada às necessidades que a sociedade lhe atribui”, apelou Bernardino Soares.

Experiências inovadoras na escola pública

Esta iniciativa da Câmara Municipal de Loures, realizada em parceria com a Escola Superior de Educação de Lisboa, constituiu um importante espaço de partilha e de debate sobre o conhecimento e a inovação que se tem vindo a introduzir, em matéria de políticas educativas, nas escolas públicas.

Nuno Mantas, Luís Fernandes e Elizabete Jerónimo, diretores dos agrupamentos de escolas da Boa Água (Sesimbra), Freixo (Ponte de Lima) e Padre Vítor Melícias (Torres Vedras), respetivamente, foram os convidados para dar a conhecer o resultado do desafio lançado pelo Ministério da Educação, por forma a desenvolverem um projeto pedagógico inovador: escolas sem períodos letivos, aulas sem manuais, salas de aula com áreas flexíveis, currículos personalizados, elaborados à medida de cada aluno, trabalho colaborativo, jogos, circuitos de aprendizagem, entre outras soluções alternativas, orientadas para o sucesso educativo.

Ariana Cosme, co-coordenadora do Observatório da Vida nas Escolas, e José Pacheco, fundador da Escola da Ponte, presente através de videoconferência, deram também a sua visão sobre as vantagens de um ensino flexível e sobre a necessidade de repensar a escola, onde o aluno tenha a possibilidade de existir como pessoa livre, consciente e autónoma.

A vereadora com o pelouro da Educação em Loures encerrou o encontro, deixando a certeza de que “as escolas têm os seus caminhos e constroem os seus projetos”, mas que a Câmara “está cá para ajudar”.

“Temos muitos modelos de hoje que são modelos de futuro, mas temos de refletir sobre como vamos consolidar estes modelos e procurar outros”, referiu Maria Eugénia Coelho. “Conheço bem as escolas e sei que muitas vezes o medo nos tolda a audácia. Não podemos ter medo porque somos bons profissionais” garantiu.



Entrevista

“Gostava de ter
escolas pensadas
com os alunos”

Ariana Cosme

Professora de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Como caracteriza o sistema educativo em Portugal?

Estamos a falar talvez dos mais bem-sucedidos projetos que a democracia prometeu aos portugueses. O sistema educativo português funciona com grande dignidade. O percurso feito nestes 40 anos de democracia tem sido notável, mais ainda há muita coisa a fazer. O sistema educativo português tem a necessidade de ser acarinhado e, sobretudo, apoiado nas suas condições de funcionamento. O poeta Carlos Drummond de Andrade dizia que não chega ter as crianças dentro da escola. É preciso tê-las na escola a fazer coisas úteis e importantes para a formação do Homem. Acho que este é agora o grande desafio do sistema educativo: responder com qualidade à aprendizagem.

No entanto, junto dos alunos prevalece a ideia de que a escola é 'aborrecida'. Muita matéria, programas inadequados, pressão dos exames... Como mudar isto?

A voz dos alunos é muito clara. Eles gostam da escola, não gostam das aulas. Eles gostam dos seus professores, sobretudo fora das aulas. Na verdade eles têm razão. Aquilo tudo é muito aborrecido. Nenhum de nós aguentaria seis ou sete horas a desempenhar o papel passivo daquele que ouve as aulas que alguém dá. Nesse sentido, os sistemas educativos, pois não é apenas uma necessidade nacional, precisam de se configurar de outra forma. Os alunos gostam da escola. Afinal, tudo nas suas vidas acontece lá dentro. Não tenho a certeza se dentro da sala de aula está a acontecer alguma coisa verdadeiramente significativa e desafiante.

O atual Governo desafiou as escolas para projetos ambiciosos, como a gestão flexível dos currículos, entre outros. Como avalia a implementação destes programas?

Penso que algumas oportunidades mais flexíveis, do ponto de vista dos normativos da escola, tardavam. Alguns especialistas dizem que são só medidas paliativas e que a escola mantém, desde o século XIX, o mesmo modelo instrucionista, herdeiro de uma lógica de formatação em série. Eu pertenço à equipa daqueles que vê a escola como a forma mais simples de, democraticamente, fazer chegar junto dos meninos a literatura, a música, a geografia, a história. Alunos e professores estão hoje reféns de programas extensos e enciclopedistas. Por isso, estes desafios são muito bem-vindos, pois vão criar a oportunidade de pensar de forma flexível.

Precisamos de uma escola mais virada para o século XXI?

Todos nós sabemos como os saberes estão integrados. Os campos científicos não vivem de muros ou de barreiras, vivem da permeabilidade entre eles. Quando pensamos no século XXI não podemos pensar em saberes atomizados, disciplina a disciplina. Em Portugal há um projeto piloto de inovação pedagógica composto por, além da Escola da Ponte, sete

agrupamentos que têm 100% de liberdade para organizar o currículo de outra forma. Sabemos que em Évora há professores do secundário que utilizam os telemóveis para as aulas de ciência e de física, em Boa Água deixou de haver notas e classificações. Há escolas que estão a organizar-se por semestres. Já, no âmbito do projeto de autonomia e flexibilidade curricular, 230 agrupamentos podem gerir 25% da carga letiva semanal da forma que quiserem. Existem escolas que fazem desaparecer a noção de turma, misturam-se por temáticas, professores saem da sua disciplina e trabalham a partir de um projeto, aprendendo também com outros colegas e com outros campos científicos. É um tempo muito desafiante!

Sente que os professores ainda trabalham, sobretudo, para um teste final, que no dia pode ser reduzido a nada?

Para alguns meninos, os professores são os únicos adultos organizados, assertivos, detentores de informação e conhecimento. Como é que eles desperdiçam esta potencial relação com os seus alunos, resumindo tudo à preparação para os testes? Como se tudo o que acontece fora dos testes não fosse relevante! Os testes são instrumentos de avaliação de desempenho máximo. É naquela hora, nas circunstâncias que tenho, que avaliam tudo o que sei. Esta lógica dos testes e exames penaliza, sobretudo, os mesmos, os pobres e vulneráveis. Os alunos da classe média são os que têm mais condições para estudar. Uma máquina destas, assente numa lógica discriminatória, só serve um determinado projeto de sociedade. É altura de a escola dizer de que lado está: ou está do lado de todos, sobretudo dos mais frágeis, ou do lado da máquina de seleção social.

Combate às desigualdades**A escola não está a conseguir esbater as desigualdades sociais?**

Algumas escolas estão a esforçar-se. Há escolas quase anónimas, que não vêm nos títulos dos jornais, que, todos os dias, com grande esforço e dignidade, tentam esbater essas desigualdades, tornando os meninos mais fortes, preparando-os melhor. Não é nivelando por baixo a formação destes meninos que se combate a exclusão. Pelo contrário, é proporcionando um projeto exigente e desafiante de escola, que ponha os alunos a pensar. Essa é que é a grande ferramenta de combate às desigualdades.

O objetivo da diversidade pedagógica que se está a querer implementar é ir ao encontro das necessidades dos alunos?

Eu gostaria de pensar numa escola que vai ao encontro dos interesses dos alunos, mas também às suas necessidades. Porque, por vezes, as necessidades dos alunos são contra os

seus interesses imediatos. Na minha juventude toquei muitas vezes na guitarra aquela música dos Pink Floyd, cujo refrão dizia "Hey! Teachers! Leave those kids alone". Continuo a achar o álbum fantástico, mas hoje não cantaria esta música. Os professores não podem deixar os alunos em paz. Têm de fazê-los despertar e encontrar possibilidades que os seus interesses pareçam nem adivinhar. Fazê-los descobrir esta oportunidade incrível de estudar no século XXI.

E o nosso sistema educativo está preparado para estas mudanças?

Eu diria que as escolas todas ainda não estão, mas muitas já têm condições. Há escolas que já refletiram porque têm um corpo docente que questiona, debate, problematiza e que não está feliz com as condições com que exerce a profissão. Outras vão precisar de mais tempo. Temos professores altamente especializados. Nunca tivemos um corpo docente tão qualificado como temos agora. O problema é estar ressentido de um grande cansaço por estar ocupado com tarefas burocráticas, em vez de as suas energias e motivação estarem canalizadas para trabalhos mais desafiantes. Projetos destes precisam de tempo de trabalho para além da sala de aula, passando pelo trabalho cooperativo com outros professores. Estas são condições que a tutela precisa de garantir.

Aliada a esta questão do cansaço está também a questão do envelhecimento dos professores...

É verdade que estamos a viver um processo claro de envelhecimento da profissão. É preciso discutir se há condições para se estar numa sala de aula até aos 65 anos de idade. Falta frescura na relação com os alunos e faltam também professores na faixa etária dos 20 anos. Os professores mais velhos trazem de bom a experiência, mas esta pode trazer arrastado algum cansaço.

Como vê as escolas daqui a dez anos?

Vejo melhores ainda do que as de hoje. Tem havido um esforço de requalificação do parque escolar. É sempre com muito orgulho que subo as escadas de escolas que foram requalificadas, pois olho para elas e não vejo a megalomania dos milhões gastos, mas sim a qualidade da nossa arquitetura, desenhada para oferecer, todos os dias, boas condições aos alunos. Hoje, as bibliotecas são mais simpáticas e as cantinas mais confortáveis. Do ponto de vista do pensamento pedagógico, acredito que daqui a dez anos esteja mais estruturado. Gostava, daqui a dez anos, de ter escolas a serem pensadas com os alunos.

O que pensa sobre a escola a tempo inteiro? As aulas extras são importantes?

Do ponto de vista da justiça social é fantástico, desde que

não se torne uma prisão para as crianças. Dá a oportunidade de contacto com a música, dança e outras disciplinas culturais que normalmente só a classe média tinha acesso. Mas o problema é que esta promessa não se cumpriu, transformando-se em mais aulas. Eu preferia que os alunos saíssem para o pavilhão ou para a associação recreativa ali ao lado. Precisamos de manter e acarinhar o nosso movimento associativo em Portugal. Se a escola a tempo inteiro matou a equipa de hóquei, a banda filarmónica, o futebol amador, então está a enfraquecer o movimento associativo. Esta componente pode ser feita em parceria com todos estes agentes de formação. Existem teses de mestrado que dizem que os problemas de disciplina se acentuam nas AEC. A acusar um grande cansaço, as crianças já não aguentam mais aulas.

Acesso ao ensino superior

Escola pública ou privada. Há um modelo perfeito?

Tanto existem escolas públicas e privadas fantásticas, como aquelas que precisam de melhorar os seus projetos. Mas temos consciência que nas escolas privadas fica um pouco mais fácil. A escola pública tem todos os alunos: os que podem e não podem pagar, os que querem e os que não querem estudar. Os alunos portadores de deficiência, os que vêm de outros países. O projeto de escola privada fica mais facilitado, pois sabemos que há uma triagem desde logo pela capacidade financeira. Mas ambas as redes são muito importantes.

Existe equidade dentro de cada um destes subsistemas ou há um desalinhamento nas classificações internas dos alunos?

As notas dos exames não demonstram a qualidade das aprendizagens. Há escolas privadas que inflacionam as notas, mas também há escolas públicas que o fazem. O facto de as notas no privado poderem ser mais elevadas nem tem a ver com isso, mas com a capacidade financeira das famílias. Se posso pagar a peso de ouro explicações a geometria descritiva, consigo perceber que é mais fácil para aqueles que podem pagar a escola privada, ocupar os lugares cimeiros em arquitetura ou *design*. É, sobretudo o que o contexto económico representa: a possibilidade de estar num bom colégio, poder viajar, ter acesso a outro tipo de materiais que ajudam aos estudos. Fazer depender de exames a entrada na universidade é que me parece injusto e não garante equidade.

A OCDE recomendou até que Portugal deixasse cair o atual modelo de exames nacionais ligados ao acesso ao ensino superior.

Na maior parte dos países da Europa são as universidades



que criam os seus próprios mecanismos de escolha de alunos. Em Portugal vão ser precisos muitos anos para este assunto ser discutido com alguma tranquilidade.

Este sistema está a matar o ensino secundário e a impedir alunos muito interessantes de chegar à universidade, que ficam pelo caminho por umas décimas. É claro que o ensino secundário terá sempre de ser certificado, mas não deste modo. Estamos a deixar de fora potenciais excelentes médicos. Um bom aluno de medicina pode não ser um bom médico.

Existe vontade política para alterar o modelo de acesso ao ensino superior?

Sinto que há vontade política, mas reconheço que é um assunto para discutir com muita serenidade, sem pressas. Qualquer que seja o mecanismo tem de ser garantido com grande transparência. As famílias ainda olham para

outras formas de acesso de maneira desconfiada. Têm medo que haja pouca transparência. Apesar de tudo acham que os exames, numa lógica mais cega, garantem mais transparência.

É possível assegurar o sucesso escolar ao longo dos 12 anos de escolaridade?

Acho que sim, senão fechamos a porta. Imagino que irão haver alguns desníveis conforme as idades e áreas de interesse. Não esperamos uma curva ascendente linear porque a vida das pessoas também não é linear. É preciso pensar de outra maneira a sala de aula e a escola. Não me choca nada que os projetos sejam diferenciados ao longo do país. Portugal é pequenino e garantirá sempre coesão. Não são diferenças curriculares que nos separarão. A diversidade enriquece-nos, não nos empobrece. A riqueza do desenho curricular passa pela diferenciação.



Loures

Mais de 71 mil euros para projetos socioeducativos

A Câmara Municipal de Loures atribuiu, no dia 22 de março, em cerimónia simbólica, mais de 71 mil euros a 57 projetos socioeducativos desenvolvidos por escolas, associações de pais e IPSS. A cerimónia de atribuição de apoios financeiros e logísticos decorreu no Museu do Vinho e da Vinha, em Bucelas, onde estiveram cerca de meia centena de entidades beneficiárias que, no total, receberam 71.993,97 euros.

Escola para todos, assim se chama o projeto da Câmara de Loures que visa consolidar o apoio aos agentes socioeducativos na concretização de atividades que promovam a ligação da escola ao meio sociocultural envolvente, atribuindo, para isso, apoio financeiro e logístico para a concretização das atividades dos agrupamentos de escolas, associações de pais

e instituições particulares de solidariedade social. “Escola para todos é aquilo que defendemos: uma escola de qualidade para todos, sendo que essa qualidade se alcança com os vários projetos desenvolvidos pelos agentes educativos que operam nas escolas”, começou por dizer a vereadora com o pelouro da Educação, Maria Eugénia Coelho.

“Estes projetos, que hoje vamos reconhecer, vão, de formas diferentes, ao encontro deste objetivo. Todos juntos estamos a construir um concelho cada vez mais educador. No entanto, é necessário refletirmos sobre o momento que vivemos na Educação”, apelou.

“Existem muitos modelos educativos, mas é preciso refletir sobre outros modelos, outras formas de organizar a escola e as turmas, e sobre a relação com os alunos para que o sucesso escolar seja cada vez maior. Não tenho dúvida que estes projetos são modelos educativos que têm permitido com que um número significativo de crianças e jovens sintam que a escola é o seu futuro”, concluiu.

Os participantes tiveram a oportunidade de fazer uma breve visita ao Museu do Vinho e da Vinha e, ainda, assistir a um mini concerto pela banda A40, um agrupamento musical resultante de um projeto socioeducativo, composto por alunos de diversos ciclos de ensino.



Educação Artística – levar o mundo para dentro da escola

Manuel Rocha

Ex-diretor do Conservatório de Música de Coimbra

Há muito que a educação artística deixou de ser vontade só de alguns. Não é que os cuidados governativos com a educação artística tenham sido, ao longo dos anos, os devidos, dada a relevância da matéria para aquilo a que Bento de Jesus Caraça chamava a “formação integral do indivíduo”.

Mas ali, onde as políticas educativas para as Artes iam faltando, foi o movimento associativo assumindo responsabilidades, o Poder Local democrático tomando conta, uma ou outra escola marcando posição naquilo que é hoje um mapa nacional de intervenção educativa que é preciso conhecer e reforçar.

Mesmo que o currículo do ensino básico inscreva a educação artística nas suas tarefas, o acesso das nossas crianças ao cantar, ao desenhar, ao representar, permanece condicionado pela existência, ou não, de um professor ‘jeitoso’ que saiba transformar sons, traços e palavras em ferramentas para conhecer o mundo. Às vezes corre bem, mas a maioria das vezes corre mal ou não corre de todo.

Entretanto, o ‘mercado’ vai-se ocupando das nossas crianças, substituindo a vontade de procurar, de conhecer, de experimentar pela aceitação acrítica de produtos de consumo. O que é que a Escola pode fazer nessa luta desigual com as plataformas de educação do gosto, (mal) frequentadas por ‘celebridades’, ‘glamoures’, ‘winners’ e ‘looseres’ que reproduzem (no mundo dos sons, das formas e das palavras) a velha trama da imposição da ‘sorte’ que

nos vai inevitavelmente calhando? Com tão limitados meios pode pouco. Mas, mesmo assim, vai fazendo, por si ou por interposta instituição, já que não é por parecer quieta que a pedra não contém em si partículas em constante movimento. E enquanto não chegam às escolas professores coadjuvantes com o encargo de acender vontades de representar a vida, vão surgindo projetos e propostas que convocam criatividades juvenis e semeiam entusiasmos e alegrias.

É o caso das sociedades filarmónicas, responsáveis pela educação instrumental de milhares de jovens; é o caso da Orquestra Geração (que diz de si que “mais do que Música, tocamos vidas”) ou do Projeto Cantar Mais, que propõe colocar nas vozes das nossas crianças as canções essenciais de que os ‘tops’ mediáticos fogem a sete pés; é o caso das coletividades de cultura e recreio que, um pouco por todo o lado, cumprem a tarefa de fazer subir ao palco o Gil Vicente, que está arredado das guerras de audiências das novelas de enredos doentios; é o caso daqueles professores que empurram para dentro dos museus e dos monumentos, jovens precisados de conhecer a obra dos que transformaram matéria inerte em eterno testemunho e pensamento vivo. Já não nos basta a convicção (ainda que acessória) de que a Arte ‘faz bem’ ao crescimento das inteligências. É preciso lutar para que a educação artística faça parte das vidas das nossas crianças, nesta escola pública que a Democracia conquistou.



As três formas de utilização da música na construção da cidadania

António Wagner Diniz

Diretor do Projeto Orquestra Geração

Neste meu terceiro e último artigo sobre a relação entre a música e a educação, apoio-me não em títulos académicos de Mestrado ou Doutoramento em ciências da educação, que não tenho, mas sim na minha experiência prática, adquirida nos anos em que fui animador musical nos tempos da Juventude Musical Portuguesa (anos 1970), sob a orientação da Helena Lamas Pimentel, na carreira como cantor e produtor (anos 80, 90 e mil), na acção desenvolvida como presidente da Comissão de Gestão do Conservatório Nacional durante nove anos e, por último, na direcção do projeto Orquestra Geração. Toda esta experiência conduz-me à conclusão que podemos utilizar a música de três formas na educação para a cidadania.

A primeira é como se de uma disciplina normal se tratasse, ou seja, obrigatoriedade de oferta de ensino musical durante todos os anos do ensino obrigatório, extensivo aos anos de educação pré-escolar. A música surgiria assim como uma disciplina entre as outras. As suas virtudes são por demais conhecidas e a sua complementaridade na formação de um jovem recomendada. As associações de professores e profissionais da Formação Musical deveriam ser mais assertivas, no sentido de implementarem estes objetivos. Portanto, em termos mais claros, obrigatoriedade da disciplina de formação musical, ministrada apenas por professores de música devidamente habilitados, desde a

pré-infantil até ao 12º ano. A segunda, não tendo carácter de obrigatoriedade, é a intervenção como modalidade de combate ao abandono escolar, ocupação de tempos livres, ajuda no fortalecimento da autoestima dos alunos, visando apoiar aqueles que necessitam, por uma razão ou outra, de um apoio maior para que possam sair da sua natural letargia e atingir os objetivos a que se propõem. A música, neste caso, actua como um veículo para atingir os fins a que o sujeito se propõe. Temos, neste caso, o exemplo do projeto Orquestra Geração.

Por último, a terceira, é a do ensino vocacional, onde a disciplina é já ministrada de uma forma a atingir o nível técnico que permita ser tocada profissionalmente. É o caso do ensino vocacional ministrado pelos Conservatórios e Escolas de Música, Filarmónicas, etc.

Como compreenderão, estas três maneiras devem coexistir, pois são complementares. Vejamos, enquanto a primeira pelo seu carácter obrigatório permite uma maior universalização do uso da música no desenvolvimento das capacidades do ser humano, a segunda ajuda a conduzir para o centro aqueles que por estarem demasiado periféricos lhes custa mais o acesso às vias de conhecimento e evolução que geralmente se localizam no centro. Por fim, a terceira permite a fruição total da prática de uma arte que, tornando-se profissão, forma aqueles que irão orientar as outras duas modalidades.



Escolas e IPSS

Projeto *DançArte* com potencial educativo

O projeto *DançArte* procura, através da sensibilização para a dança criativa, estimular crianças e jovens para uma diferente forma de expressão.

A dança tem um grande potencial educativo porque utiliza as linguagens do corpo e os seus conteúdos próprios e permite estabelecer facilmente relações com outros conteúdos formais e programáticos.

O *DançArte* teve início no presente ano letivo e, numa primeira fase, para crianças dos cinco anos das IPSS do concelho de Loures. Numa segunda fase, no início do próximo ano letivo, será dirigido a alunos do 3º ciclo do ensino básico de escolas da rede pública do concelho.

O projeto consiste em sessões, de periodicidade quinzenal, de dança criativa, com a duração de 45 minutos, sendo ministradas por formadores do Fórum Dança.

Orquestra Geração

Escola Luís de Sttau Monteiro integra projeto

A Escola Básica Luís de Sttau Monteiro juntou-se, este ano letivo, ao projeto *Geração* com o apoio da Câmara Municipal de Loures.

São já mais de mil os alunos, em todo o país, abrangidos pelo projeto *Orquestra Geração*.

Em Loures, o sucesso deste projeto ditou que, este ano letivo, mais uma escola tivesse a oportunidade de oferecer formação musical a 20 alunos que irão aprender, nos dois próximos anos, a tocar instrumentos de cordas.

É assim que, em Loures, se demonstra os resultados de um projeto que usa a música como elemento para a integração e o sucesso escolar de muitos jovens e crianças do 1º, 2º e 3º ciclos.

Mas é preciso recuar até julho de 2009 para perceber como tudo começou.

É nesta altura que, com o apoio da Câmara Municipal de Loures, é criada a *Orquestra Geração/Bora Nessa*, um projeto integrado no âmbito do Contrato Local de Segurança de Loures, que começou por incluir os agrupamentos de escolas de Camarate e Sacavém, aos quais se juntou o Agrupamento Maria Keil (Apelação) para as apresentações públicas.

No sentido da prossecução dos objetivos propostos no início da implementação da *Orquestra Geração* em escolas de Loures, foi criada em 2013, a Orquestra Municipal *Geração Bora Nessa* de Loures, um agrupamento que reúne os alunos mais avançados que, sob a orientação do maestro António Barbosa, tem atuado em diversos eventos e salas de concertos. Estão aqui representados 19 alunos do Agrupamento Maria Keil, 13 alunos da EB 2,3 Mário de Sá Carneiro (Camarate) e 24 alunos do Agrupamento Eduardo Gageiro (Sacavém).

Em 2016, o projeto é alargado para a zona norte do concelho, nomeadamente para o Agrupamento de Escolas nº1 de Loures, onde tem início com o *Geracoros* na EB1 de Loures, abrangendo alunos de comunidades desfavorecidas das Sapateiras, Barro e São Sebastião de Guerreiros.

Aqui são aplicadas metodologias de dinâmica de grupo, com incidência no estudo vocal.



Ciclo de debates

Pais informa esclarece encarregados de educação

Pais informa é uma iniciativa da Câmara Municipal de Loures dirigida a pais e encarregados de educação que, sob a forma de ciclo de debates, aborda as mais diversas temáticas ligadas à infância e adolescência.

Pais informa tem como principal objetivo a partilha de conhecimentos e experiências entre pais, encarregados de educação, técnicos e outros intervenientes que tenham interesse em debater as problemáticas associadas à infância. Com esta iniciativa, pretende-se encontrar soluções que possam dar resposta aos desafios da parentalidade vigentes nas sociedades atuais, trazendo técnicos qualificados para esclarecer as dúvidas dos

participantes. Como a intuição não chega, a Câmara de Loures tem vindo a promover, ao longo do ano letivo, um ciclo de debates e ações (in)formativas, para pais e encarregados de educação, em parceria com os agrupamentos de escolas e as associações de pais e encarregados de educação do concelho de Loures, dedicado a questões essenciais nas áreas do associativismo, educação, infância e adolescência. Esta partilha de ideias tem contado com a participação de diversos especialistas (psicólogos, médicos, pedopsiquiatras, neuropediatras, jornalistas, psicoterapeutas, professores) que tentam responder às dúvidas de pais e encarregados de educação. Desde fevereiro, o *Pais informa*, já levou até às escolas do concelho o debate de temas tão diversos como contabilidade e fiscalidade para as associações de pais, violência juvenil e *bullying* na escola, jovens que passam muito tempo à frente de ecrãs, técnicas para trabalhar a atenção e a concentração, inclusão escolar e autismo, estratégias e ferramentas básicas para educar os filhos, (in)disciplina na Escola, autoestima nas crianças e jovens e valor das emoções na aprendizagem. As sessões do *Pais informa*, sempre em horário pós-laboral, têm contribuído, desta forma, para ajudar pais e encarregados de educação a ultrapassar obstáculos, envolvendo-os e apoiando a comunidade educativa.

Loures

Conselho Municipal de Educação toma posse



A primeira reunião ordinária do Conselho Municipal de Educação de Loures (CMEL) para o mandato 2017/2021 decorreu no dia 13 de abril com a tomada de posse dos conselheiros como ponto principal da ordem de trabalhos.

A sessão teve início com a tomada de posse do presidente da Câmara Municipal de Loures, Bernardino Soares, enquanto presidente do CMEL, a que se seguiram os restantes conselheiros, entre eles o presidente da Assembleia Municipal, Ricardo Leão, a vereadora responsável pelo pelouro da Educação, Maria Eugénia Coelho, bem como representantes de diversas entidades que compõem este órgão consultivo do Município.

Bernardino Soares começou por agradecer o trabalho desenvolvido pelo CMEL nos últimos anos, nomeadamente, ao nível da definição das políticas educativas.

Prioridades para o mandato 2017/2021

O autarca lembrou que a Câmara continuará a ter a “Educação e o ensino como prioridade, porque sabemos que aí reside uma parte importante dos instrumentos de inclusão social e de combate às desigualdades. Continuaremos a ter políticas municipais de grande relevância nessa área, como o apoio no material escolar, a aposta nas equipas multidisciplinares, e ainda um conjunto de projetos na área da música e do desporto” que se têm revelado muito importantes “no desenvolvimento socioeducativo do concelho”.

Outra das prioridades continuará a ser os recursos humanos. “No último mandato conseguimos avançar na disponibilização de meios humanos, aumentando o número de trabalhadores nas escolas, e dando maior estabilidade ao quadro de pessoal, o que se revelou um ganho importante para o funcionamento das escolas.” O investimento em infraestruturas continuará a ser uma realidade neste mandato, “com um conjunto de intervenções em escolas da nossa responsabilidade”, recordou o autarca, acrescentando que “as alterações efetuadas ao nível dos protocolos de delegação de competências nas freguesias”, nomeadamente nos que têm a ver com a manutenção das escolas, irão permitir agilizar processos.

O presidente deu ainda nota da sua preocupação no que diz respeito à delegação de competências para os municípios na área dos estabelecimentos de ensino do 2º e 3º ciclos, lembrando o estado em que se encontram muitos destes equipamentos e a carência de investimento que se tem verificado.

Além do já referido investimento físico e das questões de recursos humanos, Bernardino Soares lembrou ainda que quer “continuar a ter no Município de Loures um amplo espaço de debate e reflexão sobre o futuro da educação”, através da continuidade de projetos como a revista *eLRS – Educação em Loures*, cujo “lançamento foi muito bem acolhido”, da realização de sessões de formação, informação, debates e seminários sobre temas em torno da comunidade educativa.

Já no final da sua intervenção, o presidente da Autarquia voltou a enaltecer o trabalho deste órgão, lembrando o “papel importantíssimo” que terá na preparação da nova Carta Educativa Municipal, mas também nos contributos que dará “para encontrar os melhores caminhos e soluções para os problemas que temos no nosso concelho na área educativa”.

Recorde-se que, nesta primeira reunião ordinária, foi ainda aprovado, por unanimidade, o Regimento do Conselho Municipal de Educação de Loures.

Até 2020

Intervenção municipal integrada de promoção do sucesso escolar

Combater o abandono escolar através da promoção do sucesso e da integração socioescolar é um dos principais objetivos do plano de *Intervenção Municipal Integrada de Promoção do Sucesso Escolar*, que a Autarquia irá desenvolver até 2020. Uma intervenção levada a cabo pelo Departamento de Educação da Câmara Municipal de Loures, em estreita articulação com os Agrupamentos e as Associações de Pais e Encarregados de Educação das escolas públicas do concelho, e que visa, na sua essência, a promoção do sucesso e o combate ao abandono escolar.

Equipas multidisciplinares

Como suporte desta estratégia de intervenção surgem as Equipas Multidisciplinares, constituídas por mais de duas dezenas de assistentes sociais, psicólogos e outros técnicos, que intervêm de forma direta junto das crianças, jovens e famílias, procurando identificar e agir sobre as múltiplas situações que possam comprometer o processo de aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. É através do trabalho desenvolvido por estas equipas que se pretende incrementar a autoestima dos alunos com mais dificuldades, prevenindo o abandono e o absentismo escolar, os comportamentos de risco, mas também combatendo as desigualdades de género e a exclusão social. Mas esta *Intervenção Municipal Integrada de Promoção do Sucesso Escolar* vai além do trabalho que estas equipas multidisciplinares desenvolvem diretamente com os alunos. A melhoria das práticas educativas e do próprio funcionamento da escola, a renovação e enriquecimento do espaço físico, a aquisição de competências por parte dos técnicos, pessoal não docente, pais e encarregados de educação e ainda a promoção da participação efetiva dos pais no percurso escolar dos seus educandos, são outras áreas de intervenção que estão já a ser trabalhadas.

Ciclos de debate e ações informativas

Os ciclos de debates e as ações (in)formativas do *Pais Informa*, que abordam questões essenciais sobre educação, sucesso escolar, infância e adolescência, são exemplo de uma atividade já implementada, que se tem revelado um sucesso no que diz respeito ao envolvimento dos pais, dado o número de participantes nas sessões já realizadas desde o início de 2018.

Ainda no âmbito da aquisição de competências, a Autarquia também já deu início às ações de capacitação para técnicos e pessoal não docente – *Educação a Tempo* – que dão particular enfoque a questões relacionadas com educação, indisciplina e combate ao insucesso escolar, infância, adolescência, mas também à relação escola-família e ao papel dos diferentes atores do espaço-escola. A *Arte Pública* enquanto ferramenta de articulação entre a escola, a família e a comunidade, é outra das vertentes trabalhadas. *Graffiti* e pinturas de murais, realização de oficinas, visitas guiadas, conversas com artistas, música, dança e exposições, são expressões artísticas que fomentam essa articulação, mas também contribuem para a renovação e enriquecimento do espaço escola, criando um sentimento de pertença. Ainda na área das artes, está contemplada a implementação do *Loures Integra Música*, um projeto que visa contribuir para a integração socioescolar, para o desenvolvimento da criatividade e para a melhoria do comportamento e rendimento académico, através do ensino da música.

Atribuição de bolsas

Numa outra vertente desta intervenção, está prevista a atribuição de bolsas de materiais didáticos na área da matemática, para o 1º ciclo do ensino básico, e na área das ciências experimentais, para a educação pré-escolar, estando também garantido um Programa de Apoio a Projetos Socioeducativos, promovidos pelos agrupamentos escolares. Ao longo do horizonte temporal em que decorre esta intervenção municipal (2018-2020) será feito um acompanhamento contínuo por parte de uma equipa de quatro professores e um bolseiro, da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx), a que se associa uma equipa de consultores com experiência nas áreas da educação e avaliação de projetos socioeducativos. Numa primeira fase, a equipa da ESELx avaliou o estado do sucesso escolar no Município de Loures, estando agora empenhada na monitorização e avaliação contínua do plano, podendo propor, em qualquer fase da intervenção, mudanças que se venham a revelar necessárias para a sua adequação às realidades existentes, de forma a serem atingidos os objetivos propostos. No final, será apresentado um relatório com a avaliação dos efeitos da *Intervenção Municipal Integrada*.



Mentes Sorridentes – quando a escola respira

Dulce Gonçalves

Presidente da Associação Mentes Sorridentes, Professora de Educação Especial

Mónica Pinto

Assistente Hospitalar de Pediatria do Desenvolvimento, Coordenadora do Centro de Desenvolvimento do Hospital Beatriz Ângelo, Loures

Sérgio Brandão

Membro da Associação Mentes Sorridentes, Professor de Educação Especial

O projeto *Mentes Sorridentes* consiste na transmissão de um conjunto de exercícios que focam a atenção no momento presente, treinando a capacidade de estar atento às experiências internas e externas com aceitação, paciência e compaixão (Germer et al., 2015). A investigação recente tem revelado que estes exercícios alteram a nossa estrutura cerebral, contribuindo para a neuroplasticidade, reduzindo o stresse, aumentando a atenção/concentração, a resiliência, a compaixão e permitindo uma maior autorregulação emocional (Singleton et al., 2014; Van de Weijer-Bergsma, et al., 2014; Hofmann et al., 2010).

Em Portugal, o treino da atenção plena começa a desenvolver-se, sendo fundamental assegurar que tem carácter científico e que os programas foram devidamente atestados. Sobretudo, quando se verifica sermos um dos países da Europa onde crianças e jovens adolescentes mais consomem medicamentos sedativos ou tranquilizantes (ESPAD Report, 2015; SICAD, 2015) e com consumo de mais de 5 milhões de doses por ano de metilfenidato, psicofármaco usado para tratar a Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção – PHDA, (Relatório DGS, 2015). O projeto *Mentes Sorridentes* nasceu no Agrupamento de Escolas João Villaret e, ao longo de dois anos de existência, foram cientificamente atestados resultados que surpreenderam a própria equipa responsável, atualmente constituída como Associação sem fins lucrativos, *Mentes Sorridentes*: melhoria na concentração e no funcionamento global dos alunos, com diminuição das suas dificuldades emocionais; diminuição dos problemas internalizantes, dos problemas com os pares e dos sintomas de hiperatividade; melhorias na sua qualidade de vida, bem-estar, relação com os outros, níveis de ansiedade e stresse e capacidade de concentração; menor impulsividade, sentimentos de gratidão para com a vida e para com os outros, bem como um sentido para a vida e projeção de futuro. O apoio de parceiros estratégicos que acompanham a evolução e o impacto do projeto

tem sido, sem dúvida, outro dos fatores que merece destaque e mais tem contribuído para o sucesso desta intervenção – o Centro de Neurodesenvolvimento do Hospital Beatriz Ângelo e a Associação Portuguesa para o Mindfulness, que estimulam e supervisionam a prática desenvolvida e a sua avaliação, a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens e a Saúde Escolar, que articulam com proximidade, entre outros.

Assim, o alargamento do projeto *Mentes Sorridentes* a seis agrupamentos de escolas do concelho de Loures no ano letivo de 2017/2018, motivado pelo apoio da vereadora da Educação da Câmara Municipal de Loures, Maria Eugénia Coelho, prevê uma avaliação científica no sentido de atestar o impacto da prática de *mindfulness* no contexto da comunidade escolar, algo inédito em Portugal. Neste sentido, o apoio dos docentes e das Equipas Multidisciplinares dos agrupamentos de escolas da Câmara Municipal de Loures que acolheram esta experiência no seu contexto educativo será determinante para se confirmar, de forma mais abrangente, o impacto que tem vindo a ser verificado, no universo limitado do Agrupamento João Villaret, onde as *Mentes Sorridentes* nasceram. Uma vez que existem alguns fatores de proteção da saúde mental de crianças e adolescentes com impacto no sucesso escolar e no bem-estar individual, prevê-se que as *Mentes* contribuam, de uma forma geral, para o incremento contagiante do bem-estar geral dos elementos da comunidade educativa que acolherem o projeto.

Loures investe no projeto

A Câmara Municipal de Loures assegurou o alargamento do projeto *Mentes Sorridentes* a mais seis agrupamentos de escolas do concelho de Loures, bem como ao IPtrans – Escola Profissional de Loures, no ano letivo de 2017/2018, através de um investimento municipal superior a 17 mil euros, possibilitando a formação de mais de 70 docentes e técnicos e através do qual se prevê ainda uma avaliação científica no sentido de se atestar o impacto concreto da prática de *mindfulness* no contexto da comunidade escolar, algo inédito em Portugal.



Etnografia e Folclore na Academia dos Saberes

“O convívio que temos aqui é extraordinário”

A aula de Etnografia e Folclore do polo de Sacavém, da Academia dos Saberes, é uma das mais concorridas e animadas desta Universidade Sénior do concelho de Loures.

São mais de 30 os alunos que, todas as semanas, fazem questão de marcar presença na aula do grupo de Etnografia e Folclore do professor Jaime Coelho. Apesar da média de idades rondar os 70 anos, estes alunos não revelam grandes dificuldades em pôr em prática os exercícios físicos e mentais propostos pelo professor, e fazem-no sempre com boa disposição.

Toríbia e Gabriela, de 63 e 67 anos, respetivamente, são duas das alunas mais antigas e entusiastas deste grupo.

“Eu não tinha nada a ver com folclore, mas sempre gostei muito de dançar”, revelou Toríbia, lembrando, no entanto, que para si o mais importante é mesmo o “convívio extraordinário que temos aqui, é isso que nos mantém vivas e alegres”. E Gabriela recorda o momento em que integraram esta turma: “Quando começou a haver esta aula, viemos experimentar o folclore. E criou-se aqui um grupo tão bom que nunca mais largámos isto. Adoramos.” Um convívio salutar que faz com que muitos dos seniores que entram na universidade, para adquirir novos conhecimentos e ocupar o seu tempo livre, já não queiram sair.

“Estou cá há três anos. Fui muito bem recebida e gosto muito das colegas”, afirmou Maria Albertina, de 67 anos, lembrando que “no início tinha dificuldade em exteriorizar, em me dar a conhecer, e isto tem-me ajudado bastante. Até já participo!”, exclamou com um sorriso no rosto. E tal como a maioria dos alunos, apesar das suas inibições iniciais, também Maria Albertina já não consegue equacionar a sua vida sem estes momentos de confraternização do grupo de etnografia e folclore: “É um grupo fantástico, e por isso vou continuar aqui até ser velhinha.”

Amizades para a vida

Joaquim Angelino, de 66 anos, é o tocador de serviço.

É ele que, com seu acordeão, ‘dá música’ a este grupo. “A coisa que mais adoro é a música. A minha mulher até diz que se não fosse a música eu estava parado. Sou capaz de estar duas ou três horas, só de uma vez, agarrado ao acordeão”.

Joaquim veio para a Academia a convite do professor Jaime Coelho, já lá vão nove anos, e lembra que o mais “importante

é o grupo que aqui se arranjou durante estes anos todos.

É a amizade que temos uns pelos outros. Até já é um bocado difícil a gente estar sem se encontrar”, revela este alentejano que tem ‘música nos dedos’ desde tenra idade. “É um convívio muito bonito” e mesmo quando a aula ou as apresentações terminam “ninguém tem vontade de se ir embora. É uma coisa que não tem explicação.”

E é nesta amizade que se foi criando ao longo dos anos, que reside o sucesso da turma de etnografia e folclore. Um grupo que leva um pouco da cultura popular dos finais do século XIX, início do século XX, às festas e romarias em que participa, apresentando o seu folclore, mas também pequenas representações de pregões e teatros de robertos.

As aulas do professor Jaime Coelho

Pese embora a aula de folclore e etnografia seja essencialmente prática, a sua componente teórica também tem dado frutos, contribuindo para um maior conhecimento da cultura popular e do folclore saloio, como relata Joaquim Angelino:

“Quando via folclore não percebia nada e interrogava-me porque é que uns tinham a roupa de uma maneira e outros de outra. E foi através do professor Jaime que fui aprendendo bastante a respeito do folclore. Hoje vejo o folclore de outra maneira.”

Jaime Coelho é professor na Academia dos Saberes há mais de nove anos. Ligado ao folclore há cerca de 40 anos, revela que os três princípios básicos da sua aula são: “o convívio, a prática de algum exercício físico e mental, e ainda aprendizagem de mais alguma coisa para juntar àquilo que já aprendemos ao longo a vida.”

“Posso-lhe dizer que ninguém sabia dançar quando começámos”, recorda o professor. Hoje, além da dança, já todos conhecem os principais tipos de trajes (os de trabalho, domingueiro ou de festa e de cerimónia), a que época remontam e até alguns pormenores que caracterizam cada uma das épocas, como por exemplo a altura das saias.

Um trabalho meritório que o professor Jaime Coelho tem vindo a desenvolver, em regime de voluntariado, e que tem contribuído em muito para a promoção do envelhecimento ativo e saudável da população sénior do concelho de Loures.





Envelhecimento ativo e educação

Pedro Moura Ferreira

Coordenador do Instituto do Envelhecimento – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

A relação entre envelhecimento ativo e educação pode ser vista de diferentes maneiras, dependendo do que se entende por envelhecimento ativo ou dos aspetos que nele são destacados. Partindo da definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), isto é, como um processo de otimização das oportunidades para a saúde, participação e segurança, para melhorar a qualidade de vida das pessoas que envelhecem, poder-se-ia considerar que os processos educativos (formal ou informal) trazem benefícios não só em termos intelectuais, incluindo a estimulação da capacidade cognitiva, mas também do ponto de vista social, ao proporcionar espaços de sociabilidade que muito impactam no bem-estar das pessoas. É nessa linha que se inserem iniciativas, como as Universidades Seniores, que têm vindo a ganhar protagonismo na sociedade.

Outra linha de articular esta relação enfatiza o prolongamento da vida ativa como resposta ao aumento da longevidade (e do seu impacto na sustentabilidade da segurança social) e ao declínio da população ativa, em resultado da baixa natalidade que afeta as sociedades europeias, incapazes de assegurar, como sabemos, a reprodução geracional. Esta linha de argumentação aproxima-se mais de preocupações de natureza económica, mas não deixa de enfatizar igualmente a importância do capital humano.

Um elevado nível de capital humano afeta o emprego positivamente; pessoas com níveis mais elevados de educação e de saúde tendem a participar mais no mercado de trabalho, na medida em que obtêm retornos mais altos dos investimentos previamente realizados. Igualmente níveis elevados de educação estão associados a expectativas mais altas de idade da reforma. O aumento do capital humano pode, portanto, gerar efeitos económicos positivos nas sociedades europeias.

Porém, o capital humano é também suscetível de deterioração, especialmente em sociedades com populações envelhecidas. Devido ao seu impacto na saúde e nas competências, o envelhecimento da população

pode trazer uma diminuição significativa da quantidade de capital humano e da consequente redução da produtividade potencial da sociedade. Embora o processo de envelhecimento seja variável, é fundamental promover o capital humano, desenvolvendo as competências dos indivíduos através da aprendizagem ao longo da vida. A investigação tem revelado que a deterioração das capacidades cognitivas pode ser retardada através da educação desde a idade mais precoce, da influência parental durante a infância, de ambientes sociais estimulantes e de atividades ocupacionais e de lazer nas fases mais avançadas do curso de vida. Atendendo a que as capacidades cognitivas desempenham um papel crescente nas economias modernas, assentes em postos de trabalho mais complexos, torna-se necessária uma estratégia de redução das desigualdades no desenvolvimento dessas capacidades.

Para sustentar o prolongamento produtivo da atividade profissional até mais tarde, é necessário investir no desenvolvimento das capacidades cognitivas desde a primeira fase da vida mesmo antes do início da escola, porque esse desenvolvimento tem um efeito importante no desempenho escolar subsequente. O ponto para o qual interessa chamar atenção consiste em mostrar que o desenvolvimento do capital humano pode ser estimulado por ações políticas. Com efeito, é possível incrementá-lo não só através da nutrição, da educação e da formação, mas também retardando a sua deterioração, proporcionando melhores condições de vida, investindo na saúde e estimulando o uso das capacidades cognitivas ao longo do curso de vida, especialmente durante a velhice. Estratégias de investimento em capital humano não devem dirigir-se apenas às populações que estão no mercado de trabalho, mas a todos os indivíduos qualquer que seja a fase do curso de vida em que se encontrem, começando tão cedo quanto possível, em ordem a poder alcançar, e posteriormente assegurar, um envelhecimento ativo que proporcione a autonomia em boas condições de saúde tão longamente quanto possível.



A escola e a educação para a saúde

Isabel Loureiro

Vice-Presidente do Conselho Nacional de Saúde e Professora Catedrática de Saúde Pública/ Promoção da Saúde

A escola acontece numa fase da vida em que a avidéz e a capacidade de aprender a pensar, reter conhecimentos e registar comportamentos (os modelos dos adultos) é grande, constituindo uma oportunidade excelente de aprendizagem sobre saúde.

É também um espaço onde as desigualdades se podem reduzir graças ao investimento que é feito para que todos consigam o máximo de competências emocionais, cognitivas e sociais, criando condições especiais para os que estão, à partida, em desvantagem – seja por terem famílias com baixa escolaridade e condições de vida mais difíceis, seja por especificidades no seu desenvolvimento que os tornou mais diferentes do que os outros.

Paulo Freire dizia que “Educar alguém para a saúde implica que tenhamos, por um lado, investido comunitariamente, em estruturas e modos de vida com significados ricos e múltiplos e que, por outro lado, tenhamos efetivamente conseguido contribuir para a construção de mundos de significação, num processo de aprendizagem ininterrupto entre todos, simultaneamente, educandos e educadores” (Freire, 1975). O acompanhamento pelos professores permite que esta aprendizagem se estenda por outros contextos, onde as crianças e jovens se movem e vivem. Daí ser tão importante

o trabalho de parceria com os profissionais de saúde e com as famílias. Por outro lado, sem os conhecimentos básicos de literacia e de numeracia é difícil poder ter uma boa literacia em saúde, ou seja, um nível de conhecimento, aptidões pessoais e confiança para fazer escolhas fundamentadas em resultado da educação para a saúde e, eventualmente, de outras oportunidades de aprendizagem não intencional.

Uma Escola Promotora da Saúde é um espaço onde os temas relevantes para as práticas saudáveis no dia a dia são abordados de forma integrada, interdisciplinar e reflexiva (dimensão curricular), o clima organizacional é facilitador do bem-estar e de relações positivas entre os seus membros (dimensão psicossocial e organizacional), onde se conta com a participação e solidariedade de todos (dimensão comunitária) e oferece um espaço onde as escolhas saudáveis são mais fáceis, como por exemplo, o acesso a fruta ou a higiene do meio (dimensão ecológica).

Às comunidades educativas envolventes cabe integrar, acarinhar as crianças e os jovens e articular recursos por forma a garantir uma rede de apoio para um desenvolvimento saudável para todos. Como diz o ditado africano que nos deve inspirar: “ É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”.



Loures

Educação e imigração

A multiculturalidade é uma das características do concelho de Loures e as escolas do Município refletem bem essa realidade. São cada vez mais ‘coloridos’ os quadros que representam as escolas do concelho, dada a diversidade de origens que, nos últimos anos, tem marcado a imigração em Loures.

África, Ásia, América do Sul, Europa de Leste e Médio Oriente são as origens mais representativas nas escolas de Loures, onde a disciplina de Português Língua Não Materna tem ganho protagonismo.

O Agrupamento de Escolas da Bobadela é disso exemplo. Só neste ano letivo tem matriculados cerca de 140 alunos filhos de estrangeiros, e mais de 30 com o Estatuto de Refugiado. Uma realidade muito particular que em muito se deve ao facto desta localidade acolher também o Conselho Português para os Refugiados (CPR).

Fernanda Almeida, diretora do Agrupamento de Escolas da Bobadela, recorda o dia em que recebeu o primeiro aluno refugiado, enquanto diretora: “Foi um aluno que chegou ao nosso país sozinho, não tinha papéis, e foi com a colaboração do CPR que se deu início à sua integração na escola.”

“Apresentámo-lo às turmas, explicando a sua situação, mas nunca forçámos saber a sua história de vida, porque algumas são tão traumáticas que eles não querem contar”, afirmou a diretora do agrupamento. E acrescenta: “Durante muito tempo foi assim que fizemos. Acho que foi a nossa base.”

Famílias são base da integração

Mas com a quantidade de alunos estrangeiros que as escolas recebem todos os anos, o processo teve que ser revisto e, atualmente, o acolhimento, numa primeira fase, passa por conhecer as famílias e um pouco da sua história, e depois cabe ao “diretor de turma o papel imprescindível de as dar a conhecer à turma. Além disso fazemos uma gestão de porta aberta. O aluno sabe que se tiver dificuldades é aqui que pode vir pedir ‘socorro’”, recordou.

A questão da língua é fundamental

No entanto, a questão da aprendizagem da língua é fulcral nesta integração. São as aulas de Português Língua Não Materna que permitem que estes alunos aprendam a língua do país de acolhimento, e assim consigam compreender as matérias que fazem parte do seu currículo escolar.

Olga, de 11 anos, chegou a Portugal há três anos vinda da Ucrânia, e recorda as dificuldades que teve: “Quando vim para a escola ninguém gostava de mim, não queriam brincar comigo, porque eu não percebia nada. Mas depois, quando eu comecei a perceber e a falar, por causa da minha professora que me ajudou muito, já toda a gente queria brincar comigo.”

Hoje, Olga está perfeitamente integrada na escola e é ela que ajuda os alunos recém-chegados: “Eu percebo como é difícil estar aqui em Portugal e, por isso, quando vêm alunos lá da Ucrânia eu fico amiga deles, brinco com eles, falo com eles e explico algumas coisas que eles me perguntam. Até tenho uma amiga que está em Setúbal que me telefona para perguntar coisas que não percebe.”

Mas no que diz respeito a integração, o trabalho nas escolas vai muito além daquilo que são as suas competências pedagógicas. É também no seio desta estrutura que, com a ajuda das equipas multidisciplinares, criadas pela Autarquia no âmbito da Intervenção Municipal Integrada de Promoção do Sucesso Escolar, as escolas conseguem ultrapassar problemas relacionados com a adaptação aos hábitos europeus, e até com questões religiosas, nomeadamente quando falamos de alunos oriundos de países do médio oriente.

Educação para adultos

No caso do Agrupamento de Escolas Maria Keil, na Apelação, a intervenção das equipas multidisciplinares, constituídas na sua essência por psicólogos e assistentes sociais, é muito mais abrangente.

Além de fazerem a ponte e criarem uma relação de proximidade com as crianças e as famílias imigrantes, têm também um papel muito importante junto dos alunos que frequentam os cursos EFA – Educação e Formação de Adultos. Uma oferta educativa que permite, no mesmo agrupamento, dar resposta às necessidades de toda a família.

Nuno Correia, diretor do Agrupamento de Escolas Maria Keil, recorda que trabalham muito “para a integração, não só dos que vêm de fora, mas também daqueles que pertencem à nossa comunidade”, referindo-se, por exemplo, aos alunos de etnia cigana, “onde o nível de escolaridade aumentou já para o secundário”, muito devido à disponibilização de uma oferta educativa diversificada que, além da escolaridade obrigatória, engloba também os cursos EFA e os cursos profissionais.



Sacavém

Novas instalações do Polo de Loures da Escola de Música do Conservatório Nacional

A Câmara Municipal de Loures inaugurou, a 16 de março, as novas instalações do polo de Loures da Escola de Música do Conservatório Nacional (EMCN), em Sacavém.

Situado na Quinta do Património, o novo espaço tem cinco salas de aula, um auditório, ludoteca, e uma sala de convívio para os pais.

Para a vereadora da Câmara Municipal de Loures, Maria Eugénia Coelho, "esta mudança é um passo de gigante para a vida do polo de Loures da Escola de Música do Conservatório Nacional. O nosso desígnio é a Educação através da arte e consideramos que as condições físicas também proporcionam uma melhoria da aprendizagem".



Para a responsável pelo pelouro da Educação no Município, "a arte não é só para elites, todos devem ter acesso. Por isso mesmo, queremos que o polo chegue a mais crianças". Atualmente, o polo de Loures da EMCN tem 14 docentes e 60 alunos, que aprendem violino, violoncelo, viola de arco, guitarra, piano, flauta de bisel e percussão. Recorde-se que o polo de Loures da EMCN começou a funcionar no final do ano letivo de 2003/2004, na EB1/JI da Portela, com 44 alunos. Tendo mudado, em 2007, para as instalações da Cooperativa "A Sacavenense", o polo inicia agora uma nova fase da sua vida, tendo como objetivo continuar a proporcionar às crianças do 1º ciclo um ensino musical de qualidade.

Network for Role Models

David Grachat mostra como supera a deficiência



David Grachat, atleta da GesLoures com uma malformação congénita, vai partilhar a sua experiência em projetos de inclusão como *Role Model* do concelho de Loures. A iniciativa é da Comissão Europeia e da Agência Nacional Erasmus+.

A Comissão Europeia quer promover os valores da inclusão e da tolerância, através do programa Erasmus+. Para isso, lançou um desafio aos estados membros. Em Portugal, Loures foi um dos municípios que aderiu à iniciativa que procura integrar pessoas com Necessidades Especiais (NE) através de casos de sucesso.

O objetivo desta ação – *Network for the Role Models* – é criar um conjunto de modelos para participar em atividades que promovam a inclusão social, a exclusão e a radicalização, bem como o incentivo à cidadania ativa e ao compromisso com os valores europeus.

David Grachat será, assim, o *Role Model* de Loures, considerado um exemplo inspirador para a comunidade, sobretudo para os jovens, pela sua atitude positiva face aos desafios da vida. O nadador da GesLoures nasceu com uma malformação congénita. O facto de não ter a mão esquerda não o limita, funcionando até como uma oportunidade para forçar os seus limites. Aos dois anos de idade, começou a praticar natação e aos dez entrou para a sua primeira equipa de natação adaptada. Hoje, aos 30 anos, representa Portugal ao mais alto nível, de que é exemplo a participação nos jogos paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

David Grachat treina seis horas por dia, repartidas entre piscina e ginásio. A sua trajetória pessoal e desportiva alia sacrifício, compromisso e ambição a uma esperança numa sociedade mais justa e inclusiva.

Cidadania mais ativa

Na sequência da Declaração de Paris, adotada em março de 2015, sobre a promoção da cidadania e os valores comuns de liberdade, tolerância e não discriminação através da educação, a Comissão Europeia adotou, em junho de 2016, uma “Comunicação da Comissão” sobre o apoio à prevenção da radicalização que conduziu ao extremismo violento e propôs o estabelecimento de uma rede de *Role Models*.

Esta ação destina-se, sobretudo, a jovens e adultos em risco de pobreza e exclusão, abandono escolar precoce, estudantes e alunos de baixo nível socioeconómico ou provenientes de áreas desfavorecidas, entre outros. O objetivo é sensibilizar o público-alvo, incutindo ideias construtivas e comportamentos positivos, e abrir caminho para eventuais alterações de comportamentos.

O *Role Model* terá como tarefa partilhar a sua história através de intervenções pontuais como formações, seminários, reuniões, palestras, entre outras atividades.

Esta iniciativa europeia tem a duração de 11 meses, com o início das atividades em agosto de 2018, terminando em junho de 2019.

Robótica na Escola Secundária da Portela

O Robot Ajuda! promove nova forma de aprender



O Robot Ajuda! é um projeto da Escola Secundária Arco Íris, na Portela, que esteve entre os 90 vencedores dos prémios atribuídos pela Cimeira Mundial sobre a Sociedade da Informação 2018 (WSIS Prizes 2018) que decorreu, em março, na Suíça.

Foram 685 os projetos apresentados e 492 os nomeados. Na categoria 14, E-Science, estiveram a concurso cinco projetos: quatro de universidades – duas da Malásia, uma da China e uma da Arábia Saudita – e o projeto português *O Robot Ajuda!* da Escola Secundária Arco Íris. A Malásia acabou por ser a grande vencedora, mas o projeto da escola do concelho de Loures não se livrou do prémio 'Champion' por ser um dos cinco finalistas.

O Robot Ajuda! nasceu da necessidade de ajudar alunos com maus resultados escolares que, como não eram capazes de obter boas notas no ensino dito 'normal', acabaram por ser colocados na área vocacional. Confrontado com os maus resultados escolares, Paulo Torcato, professor de Matemática e de Informática, decidiu constituir uma equipa pedagógica de professores que começaram a trabalhar com esses alunos com projetos interdisciplinares, usando a metodologia *Project Based Learning*, que mais não é do que procurar problemas no dia a dia que tenham como solução a construção de um robô. Cada disciplina contribui com algo para esse projeto, acabando os alunos por apreender de tudo um pouco sem a vontade obrigada de aprender.

Este projeto interdisciplinar tinha, então, como principal objetivo motivar os alunos, ao mesmo tempo que despertava a sua criatividade e o trabalho colaborativo, ensinando-os a seguir um percurso em frente. Ao longo de cada ano letivo, os alunos não se limitavam a estar na sala de aula, partilhando com os colegas e professores tudo aquilo que aprendiam através de *workshops* que apresentavam, até mesmo, noutras escolas.

Utilizando robôs como material pedagógico, o objetivo era aproveitar a curiosidade dos alunos, dirigindo-a para a descoberta e a apreensão de conceitos nas áreas da Física e da Química, Matemática, Português, Ciências e Informática. Desde 2008, ano em que foi constituído o núcleo de Robótica Educativa, a ideia da construção de robôs por alunos foi ficando cada vez mais sólida. Este sonho acabou por ser tornado realidade, em 2009, com o projeto *O Robot Ajuda!* que integra, atualmente, nove turmas do 2º e do 3º ciclos, num total de cerca de 250 alunos.

Oferta educativa e formativa

Loures na 11ª edição da Futurália

A Câmara Municipal de Loures participou na maior feira de Educação, Formação e Empregabilidade do país – Futurália 2018 –, que decorreu na Feira Internacional de Lisboa (FIL), no Parque das Nações.

Presente pela quarta vez consecutiva neste certame, a Câmara Municipal de Loures deu a conhecer aos visitantes a oferta educativa e formativa da rede escolar concelhia, disponibilizando informação sobre os diversos cursos oferecidos pelos agrupamentos de escolas, entre eles, informática, restauração, saúde, secretariado, e muitos outros, bem como promovendo conversas com alunos e professores das várias áreas.





Centro Ciência Viva de Constância

Parque de Astronomia

Máximo Ferreira

Coordenador Científico do Centro de
Ciência Viva de Constância

A Astronomia é, frequentemente, considerada como meio privilegiado para despertar curiosidades e estabelecer pontes entre diversas áreas do saber, desde a história, a geografia, matemática e física, electrónica e tecnologias da informação e, mais recentemente, os vastos temas relacionados com a energia, o ambiente e as condições indispensáveis à sobrevivência da vida na Terra.

Não há ciência sem história e, também nessa perspectiva, a Astronomia será a que mais longo passado contém, desde tempos remotos em que povos primitivos olhavam o céu como que procurando as supostas forças ocultas que provocavam as chuvas e as trovoadas, o movimento dos astros à sua volta e a sucessão dos dias e das noites, os diferentes aspectos da Lua e os eclipses, até aos tempos modernos em que os voos espaciais e o sonho de contactar outros seres no Universo se tornaram familiares. No entanto, a compreensão – ainda que superficial – sobre a origem de conceitos científicos e a capacidade de avaliação dos benefícios e riscos da sua aplicação, tornam-se indispensáveis nas sociedades democráticas, em que se deseja a permanente participação dos cidadãos em tomadas de decisões (e juízos sobre decisores políticos) em matérias de que dependem o conforto, a qualidade de vida e as esperanças de um promissor futuro para os vindouros. Os espaços de sensibilização para as ciências – como Museus e Centros de Ciência – assumem vital importância no complemento do ensino formal, quer de crianças e jovens estudantes, quer de adultos que, ao longo

da vida, não devem deixar de juntar aos conhecimentos que as obrigações profissionais lhes proporcionam, os contributos adicionais provenientes de visitas ou atividades em locais em que as ciências da saúde, o ambiente, as tecnologias ou as chamadas “ciências exatas”, devem disponibilizar, em ambiente descontraído mas cuidadosamente orientado, no sentido de sempre acrescentar algo ao conhecimento de cada cidadão, sem provocar cansaço que iniba a vontade de repetir a participação.

O Centro Ciência Viva de Constância – Parque de Astronomia (www.constancia.cienciaviva.pt) disponibiliza uma variedade de atividades que, baseadas na Astronomia, podem conduzir os visitantes/participantes – individualmente, em grupos familiares ou turmas escolares – em supostas viagens desde a nossa galáxia ao sistema solar (num espaço exterior designado por Parque de Astronomia), na simulação do céu observável de qualquer local do nosso planeta e em data à escolha, (dentro de um moderno planetário digital), experimentar a sensação de pilotar um avião a jato e perceber alguns dos conceitos físicos e fisiológicos associados ao voo ou participar em observações nocturnas através de telescópios (manuais ou de controlo automático), sempre guiados por um(a) *mediador(a) de ciência*, pessoa com conhecimentos científicos e preparação pedagógica indispensáveis aos objetivos de envolver os visitantes/participantes nas “viagens” fantásticas que equipamentos e conteúdos sugerem.

Equipas
Artes
Gestão
Participação
Professores
Currículo
Escolas
Desporto
Cidadania
Pedagogia
Aprender
Pais
Auxiliares
Recreios
Tecnologia

Carta Educativa

Plano Estratégico Educativo Municipal

As mutações sociais e territoriais e as atuais dinâmicas do sistema educativo impõem uma readequação, planeamento e reordenamento da rede educativa, suportadas numa intervenção estruturada e estratégica da educação no concelho de Loures. Face às necessidades locais identificadas, o Município de Loures deu início ao processo de revisão da Carta Educativa e de construção do Plano Estratégico Educativo Municipal.

A elaboração e concretização destes instrumentos permitirá uma avaliação das necessidades atuais e futuras do Município, a definição de ações estruturantes para o desenvolvimento da educação em Loures e novas propostas de reorganização da rede educativa municipal.

Assim, o processo compreenderá a realização do diagnóstico estratégico da educação, a elaboração do Plano Estratégico Educativo e a revisão da Carta Educativa do Município.

Simultaneamente, visará a promoção de uma ampla participação da comunidade.

Pretende-se, assim, a construção de dois documentos singulares, que atentem às especificidades do território. Documentos estratégicos e orientadores na construção e desenvolvimento da política educativa local.



Semana da Educação 2018

14 > 18 maio

Programa

Dia 14

10:00

Desafios da Engenharia

› Instituto Tecnológico e Nuclear, Bobadela

- Alunos da Academia dos Saberes

18:00

Lançamento do Nº 3 da Revista Educação em Loures

› Academia dos Saberes, Sacavém

- Público em geral

Dia 15

10:00

Desafios da Engenharia

› Instituto Tecnológico e Nuclear, Bobadela

- Alunos 3º ciclo

15:00

Art' Academia

› Palácio dos Marqueses da Praia e Monforte, Loures

- Público em geral

Dias 16 e 17

10:00 > 17:00

Mostrarte

› Pavilhão do Oriente, Moscavide

Dia 18

15:00

III Encontro UTIL

› Pavilhão do Oriente, Moscavide

21:00

Gala da Educação

Entrega de galardão aos agrupamentos de escolas, associações de pais e IPSS do concelho

› Pavilhão do Oriente, Moscavide



Cofinanciado por:

